

Professoras de História aprendendo com Ailton Krenak

Artigo | Embalado pelas reflexões do pensador indígena, Nilton Mullet Pereira, docente da Faculdade de Educação, procura imaginar o que podemos aprender quando o humano não é a medida de todas as coisas

**Por: Nilton Mullet Pereira*

**Foto de capa: Flávio Dutra/Arquivo JU 21 jul. 2020*

A escuta de Ailton Krenak e, depois, a leitura do seu livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* suscitaram o que vem escrito a seguir. Escrevi com respeito e cuidado às ideias de Krenak. Ao escutá-lo e ao ler o que escreveu, imaginei se seríamos mesmo capazes de, como professores, contar *histórias para adiar o fim do mundo*.

A nossa escuta das vozes do mundo e de suas histórias tem sido limitada e determinada por um sistema colonial (convertido em um dispositivo que pensadores latino-americanos chamam de colonialidade) que impôs silêncio à maioria dessas vozes. Tudo se passa como se a história que temos contado e escrito tenha dialogado bem pouco ou quase nada com as vozes que estão para além dos muros do eurocentrismo e do antropoceno. Um dispositivo; uma era. Um diagrama de poder; um marcador temporal. Um e outro são os limites a partir de onde temos falado, olhado e escutado. De tal forma que falamos nos limites desse diagrama e representamos o tempo a partir desse marcador. De tal maneira que temos olhado a superfície rasa dos estratos de saber visíveis e enunciáveis, sem conhecer a imanência do diagrama que limita e determina o que pode ser visto. Por fim, temos escutado apenas o que os nossos ouvidos *demasiado humanos* têm nos permitido.

Mas, ao mesmo tempo, professoras de História agem e pensam

com uma porção de mistério, que lhes põe à espreita, sempre se deixando abater por forças externas a esse dispositivo ou a esses modernos marcadores temporais. Professoras desconfiam, hesitam, duvidam. Eis aí uma porção de mistério que ameaça constantemente tudo o que se diz, tudo em que se acredita, tudo o que se escuta e tudo o que não se escuta. Se temos currículos, listas de conteúdo, livros didáticos, “escolas sem partido”, provas vestibulares, avaliações externas, negacionismos, temos também a desconfiança, a hesitação, a dúvida, que emergem do mistério, que nos fazem crer que há muitos rumores e histórias no mundo ainda não contadas. E que são essas histórias, afinal de contas, que poderão, quem sabe, adiar o fim do mundo.

É nesse rasgo de mistério que uma bruma suave circunda nossos dizeres, nossos olhares e nossas escutas, que cintila, brilhantemente, Ailton Krenak e todos os seres do mundo.

Ailton, do povo Krenak, dos arredores do rio Doce, nascido em 1953. Voz que ressoa na defesa da vida, da natureza e também da história. Não dessa nossa história narrativista, moderna, obsessiva com o humano, que ousa contar a história de um modelo de humano, o homem: ser escolhido, senão por Deus, por uma razão que lhe tornou o senhor do mundo, o senhor da vida, o soberano de todos os seres.

Krenak prefere histórias de diferentes seres, de seres da diferença, das singularidades, histórias que se desenrolam em mais vida. Contar uma história, diz ele, é adiar mais ainda o fim do mundo, como a enganar esse medo que o homem produziu do derradeiro e da finitude. Medo que, na verdade, não é do fim do mundo, da natureza, da Terra, mas é um medo do fim do próprio homem, essa máscara que nos fizeram acreditar ser a essência do que somos, a identidade da humanidade, e que tem reduzido todos os outros a “quase humanos”. Krenak mostra como o abismo do inumano, do não humano e dos “quase humanos” provoca medo nos homens, como quem teme perder o produto

preferido da prateleira onde ficam as experiências-mercadorias. Ou como quem tem medo de perder o privilégio de ter sido escolhido a viver na casta dos “mais humanos”.

E ele, Krenak, sempre conta uma história a mais para nos livrarmos do balcão de negócios e dos limites criativos que esse mundo dos humanos impõe:

“Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar. Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: “Ela não vai conversar comigo, não?”. Ao que seu facilitador respondeu: “Ela está conversando com a irmã dela”. “Mas é uma pedra.” E o camarada disse: “Qual é o problema?”(p. 9).

Krenak nos lembra de que não *somos as únicas pessoas interessantes do mundo*. Temos companhia. Aceitar tal fato é diminuir um pouco a intensidade do nosso narcisismo. É abrir-se a uma escuta absoluta das vozes que vêm da Terra, dos seres, da natureza, da vida. Se nos enclausuramos na prisão do homem (do eurocentrismo e do antropoceno), como temos feito, esquecemos, em primeiro lugar, de encontrar a infinidade dos seres; em segundo, acabamos com a diferença e julgamos os seres de acordo com o modelo de humano que até hoje acreditamos ideal.

Além do mais, as histórias que contamos pouco se divertem com “as danças, os cantos, a vida”; com a “suspensão do céu”, com o perspectivismo amazônico. As nossas histórias contadas parecem reflexo de um modelo de humano (pretensamente universal) que tem como consequência a imposição de limites à experiência e à existência. Krenak diz que “suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a

matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir” (p. 16). O que temos contado não são histórias para divertir e ampliar a existência; são histórias frias, de modelos definitivos, que só produzem moral, exclusão, morte e devastação.

Ora, as histórias dos seres não são apenas aquelas que estão nos livros, elas estão nas falas, nos rituais, nas relações, em tantas e tantas culturas e inimagináveis lugares e tempos mundo afora que, a despeito dos inúmeros genocídios perpetrados pelos próprios humanos, sobrevivem e mostram como a diferença é possível e vital para adiar o fim do mundo.

Como vamos levar essas histórias para quem nasce pensando que irá dominar o mundo e destruir a natureza para satisfazer sua necessidade de experiências-mercadorias, compradas a preços bem caros nos balcões de negócios dos homens do lucro? Como permitir que crianças e jovens possam conhecer Krenak, possam saber suas histórias, possam se dar conta de que não são “as pessoas mais interessantes do mundo” e que eles têm companhia?

Parece que a suspensão do nosso narcisismo passa pela compreensão de que quanto mais nos afastamos da Terra, da natureza, mais seremos presas fáceis da “ilusão civilizatória”, que nos educa apenas para sermos predadores: da terra, da natureza, da floresta, dos povos.

Krenak oferece-nos o sonho e o abismo.

O sonho é como o tempo. Não o tempo calculado, medido, marcado, representado, narrativizado. Mas o tempo-multiplicidade, o tempo-força, o tempo-potência, o tempo-possibilidades. O sonho, como pensa Krenak, não consiste em “experiência cotidiana de dormir e sonhar”. Ele nos mostra como sonhar é um exercício em que se buscam “orientações para o dia a dia”. Ou seja, o sonho é um campo aberto e infinito de possibilidades. É quando o presente encontra o passado e o futuro, formando uma só e absoluta memória, de onde escorrem e

duram potências puras de vida.

Krenak está a nos dizer que sonhar não é abdicar da realidade, do presente, como querer renunciar por alguns momentos à dureza do que se vive. Mas buscar outros possíveis; “ali” as questões práticas da vida “estão abertas como possibilidades”.

Logo, o sonho é uma espécie de libertação: dos conceitos, das definições, dos pretensos universais (do eurocentrismo). É quando tudo em que acreditamos e quando todas as imagens que fazemos do mundo parecem desmerecidas, quando tudo implode, diz Krenak. Quando “o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada” ([p. 36](#)). E aí estamos preparados para escutar.

Krenak não oferece facilidades, ele sabe que a luta contra a exploração econômica, a colonialidade dos saberes e o epistemicídio, que vitimou/vitima corpos, ideias e histórias, não tem data determinada para acabar. Por isso, ele nos oferece o abismo. E sugere que nos percamos na queda, numa vertigem que faz estremecer a imaginação do que somos, do mundo em que vivemos, das relações que estabelecemos com as pessoas e com a Terra. Se o sonho é o lugar da escuta, o abismo é a hesitação em relação ao que somos no presente do tempo.

A queda abissal faz professores de História abrirem-se para o mistério, hesitando em relação ao humanismo que hierarquizou os seres; desconfiando do diagrama e dos marcadores temporais que nos afastaram da Terra e de toda a infinidade dos seus seres; o sonho se abre, com a licença de Krenak, como o lugar onde todos os seres têm fala e onde professoras de História têm escuta livre, aberta, contínua.

Cair no abismo, descobrir o “paraquedas colorido”. Ver o mundo perspectivamente. Aprender com os povos e seres da Terra. Abandonar o modelo de humano criado pelo povo da mercadoria, que cindiu o mundo entre o homem e os seus recursos, reduzindo

outros povos e a própria Terra a objetos. Aprender com Krenak e suas histórias para adiar o fim do mundo.



A casa de rituais da aldeia guarani Tekoá Pindó Poty, localizada no Lami, na zona Sul de Porto Alegre. Na imagem de capa, menina indígena se esconde durante brincadeira na aldeia guarani Tekoá Pindó Mirim, na Terra Indígena do Cantagalo, em Itapuã, Viamão (Flávio Dutra/Arquivo JU 21 jul.2020)

[Nilton Mullet Pereira](#) é professor da área de ensino de História da Faculdade de Educação e professor do Mestrado profissional em ensino de História (ProfHistória).